



ANA MARIA PRIMAVESI

Vale tudo contra o bicudo

Sentado sob o sol forte, Zezinho Pantalona conta seguidamente os botões da camisa, tentando adivinhar se deve ou não plantar algodão em seus 75 hectares de terra. O risco é grande, pensa Zezinho, que sabe bem quanto custam o arrendamento da terra, as sementes e os agrotóxicos. "Tudo isso para o bicudo aparecer depois e estragar tudo", resmunga, porque sabe que ainda não há nada certo para combater o bicho.

— Mas ainda não tem muito bicudo por aqui — diz Eusébio, que chegou a tempo de ouvir o lamento.

Zezinho também sabe disso. Mas não deixa de ficar preocupado, lembrando-se do que aconteceu com as plantações do Nordeste, onde o bicudo tomou conta dos algodoeiros. Que fazer para evitar isso? Zezinho pensa em Donato, que chamou um benzedor, e em Hilário, que fez até simpatia, queimando três capulhos (cápsulas de algodão) atacados e espalhando as cinzas pelo campo. Só que ele não acredita em nada disso.

Conversa vai, conversa vem, aparece o Carlinhos, um técnico agrícola que se inteira do assunto e dá logo sua opinião.

— Acho que o mais certo é preparar bem a terra. Eu troquei de campo, fiz rotação, plantei milho com mucuna para ter bastante comi-

da para os bichinhos da terra e, além do NPK, pus calcário e micronutrientes. Não sei se foi isso, mas na minha terra não teve botões ou capulhos atacados — conta Carlinhos.

Os dois prestam muita atenção no que disse o técnico. E ficam logo interessados em saber mais. Como a quantidade de micronutrientes usada — 3 quilos de boro por hectare e 250 gramas de molibdênio.

— Mas pode usar calcário — rebate o técnico Carlinhos. — Aplicando uns 300 quilos por hectare na semeadura, você não vai corrigir a acidez, mas fornecerá cálcio ao algodoeiro. É um tipo de adubo.

A atenção dos dois redobra. Será que isso adianta contra o bicudo? É difícil garantir, reconhece o técnico, mas, se a gente fizer tudo o que é bom para a terra e a plan-

ta, elas vão ficar mais fortes. E o bicudo poderá perder o gosto de atacá-las.

É claro que agora Zezinho e Eusébio querem saber o que faz uma planta ficar realmente forte, e acabam ouvindo que não basta somente NPK. É preciso que ela tenha todos os micronutrientes a sua disposição, numa terra bem fofa, na qual a água e o ar entrem sem dificuldades e as raízes possam crescer bem ventiladas. Além disso, a terra nunca deve estar muito quente, porque as plantas gostam de água fresquinha.

Os dois amigos trocam olhares desconfiados, e Zezinho pergunta:

— E como fazer para a terra ficar fresquinha com todo esse solço?

— Para nós, o próprio algodão tem de fazer sombra para a terra. O jeito é plantá-lo menos espaçado, 60 ou 70 centímetros entre as linhas e três plantas por metro linear. Quem sabe até cinco plantas por metro linear — sugere o técnico agrícola.

Zezinho concorda rapidamente, diz que vai tentar um espaçamento de 70 centímetros, mas logo se lembra do motivo de toda a conversa. E o bicudo?

— Ninguém sabe nada ainda, mas não custa tentar. Talvez as sim o bicudo enjoe das nossas bandas e volte para os Estados Unidos — arrisca Carlinhos. ■



LUIGI MAMPAIN